

Guerreiros Ramos e o paradigma da *autopoiese*: um anúncio na história intelectual brasileira

Mauro Gaglietti / IMED e PPGDireito/URI

Resumo: A teoria da *autopoiese* compartilha com a biocibernética os seguintes princípios: a) pensar sobre o pensar; b) aprender como se aprende; c) conhecer como se conhece. Apresentando traços desse novo paradigma, surgiu no Brasil, em 1981, a obra intitulada *A nova ciência das organizações*, de autoria de Guerreiro Ramos, negro, sociólogo e um dos expoentes da *inteligência brasileira*. O livro propõe uma "reconceituação da riqueza das nações" - o que, por certo, consiste em uma crítica da teoria econômica de Adam Smith - por intermédio dos pressupostos organizacionais que postula. Guerreiro Ramos assinala, assim, que a ciência é compreendida como uma atividade que exige, sobretudo, equilíbrio entre razão e intuição. Nesses termos, ao propor um paradigma sistêmico, o sociólogo participa de um movimento intelectual que contesta os fundamentos da ciência moderna.

Palavras-chave: história dos intelectuais; história da ciência; história das idéias.

Este trabalho situa a obra de Alberto Guerreiro Ramos intitulada *A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações*¹ dentro da *autopoiese*, paradigma emergente que se relaciona à visão sistêmica da realidade. Nessa direção *autopoietica* concebe-se a indissociabilidade entre ser/fazer/conhecer/falar no processo de modulação constante entre o organismo vivo e o meio. Trata-se, portanto, de uma realidade complexa, que apresenta, ao mesmo tempo, situações de autonomia e de conectividade, na medida em que é gerada em um sistema fechado para informações externas e aberto para a troca de energia. Tal forma de pensar, associada à fenomenologia dos seres vivos em geral, e dos seres humanos em particular, constitui-se em um meio produtivo por meio do qual é possível responder, no âmbito da ciência, a questões que hoje são entendidas como inadiáveis. O livro em foco - publicado, em 1981, pela Fundação Getúlio Vargas e vertido para o inglês pela Universidade de Toronto, no mesmo ano - transcende sua área disciplinar convencional, a administração, e aventura-se em um novo paradigma científico, em construção.

¹ A obra de 232 páginas, inclui prefácio da edição brasileira, bibliografia ao final dos capítulos, nota de rodapé, índice analítico e dez capítulos estruturados da seguinte forma: 1) Crítica da razão moderna e sua influência sobre a teoria da organização; 2) No rumo de uma teoria substantiva da vida humana associada; 3) A síndrome comportamentalista; 4) Colocação inapropriada de conceitos e teoria da organização; 5) Política cognitiva: a psicologia da sociedade centrada no mercado; 6) Uma abordagem substantiva da organização; 7) Teoria da delimitação dos sistemas sociais: apresentação de um paradigma; 8) A lei dos requisitos adequados e desenho de sistemas sociais; 9) Paraeconomia: paradigma e modelo multicêntrico; 10) Visão geral e perspectivas da nova ciência.

2

Pioneiro da sociologia brasileira, Guerreiro Ramos possuía formação em ciências sociais e em filosofia, com incursões, sobretudo, na psicologia, na administração e na ecologia. Nasceu em Santo Amaro (BA) no dia 13 de setembro de 1915 e faleceu em 1982. Em 1942 diplomou-se em ciências pela Faculdade Nacional de Filosofia no Rio de Janeiro. Assessorou o presidente Getúlio Vargas entre 1951 e 1954, atuando em seguida como diretor do departamento de sociologia do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), instituição cultural criada em 1955 como órgão do Ministério de Educação e Cultura, durante o governo do presidente Café Filho (1954-1955). Gozando de autonomia administrativa e de plena liberdade de pesquisa, de opinião e de cátedra, o ISEB destinava-se ao estudo, ao ensino e à divulgação das ciências sociais, cujos dados e categorias seriam aplicados à análise e à compreensão crítica da realidade brasileira e à elaboração de instrumentos teóricos que permitisse o incentivo e a promoção do desenvolvimento nacional.

Constitui, assim, um dos núcleos mais importantes de elaboração da ideologia "nacional-desenvolvimentista" que impregnou todo o sistema político brasileiro no período compreendido entre a morte de Vargas, em 1954, e a queda de João Goulart, em 1964. Essa ideologia foi formulada principalmente por Guerreiro Ramos, Hélio Jaguaribe, Cândido Mendes de Almeida, Álvaro Vieira Pinto, Roland Corbisier e Néelson Werneck Sodré. Além disso, Guerreiro Ramos lecionou na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em instituições de ensino superior dos Estados Unidos (Universidade da Califórnia do Sul, Yale University e Wesleyan University), e teve, também, uma breve experiência político-parlamentar. Publicou vários livros², inúmeros artigos e ensaios científicos, muitos dos quais foram editados em inglês, francês, espanhol ou japonês.

Guerreiro Ramos encontra-se entre aqueles cientistas que inovaram, com relação à trajetória da ecologia política, da ciência política ou das ciências sociais, de um modo geral³. Trata-se, no seu caso, de uma original reorganização paradigmática, uma vez que sua produção científica contribuiu, em muito, para a travessia trans-disciplinar e sistêmica entre ciências naturais, humanas e sociais. Na verdade, essa contribuição já podia ser percebida no

² Publicou *Sociologia industrial* (1951), *Cartilha brasileira do aprendiz de sociologia* (1955), *Introdução crítica à sociologia brasileira* (1957), *Condições sociais do poder nacional* (1957), *O problema nacional do Brasil* (1960), *A crise do poder no Brasil* (1961), *Mito e realidade da revolução brasileira* (1963), *A redução sociológica* (1964), *A nova ciência das organizações* (1981) e *Administração e estratégias do desenvolvimento* (1981).

³ BOEIRA, S. L. "Crise civilizatória e ambientalismo transetorial". *Revista de Ciências Humanas*,

3

ensaio que publicou em 1946, na *Revista do Serviço Público*, acerca da teoria de Max Weber⁴.

O propósito de Guerreiro Ramos, a curto prazo, era conciliar um trabalho acadêmico, intelectual, à ação política junto a núcleos de empoderamento. Assim, nos anos 1930, ele transferiu-se da Bahia para o Rio de Janeiro, onde tentou, sem sucesso, obter uma vaga de professor pesquisador na Universidade. Nessa época, vinculou-se ao movimento integralista, por um breve período; foi funcionário do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) e, depois da II Guerra, incorporou-se à Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP) da Fundação Getúlio Vargas. Quando de sua criação, a EBAP pretendia ser a grande escola de formação de quadros de alto nível para a administração pública brasileira, mas nunca chegou a se transformar, de fato, em um centro de pesquisas e estudos. No início dos anos 1950, Guerreiro Ramos participou do Instituto Brasileiro de Estudos Sociais e Políticos (IBESP), também conhecido como o "Grupo de Itatiaia", que editou os *Cadernos de Nosso Tempo* e deu origem ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). A proposta do ISEB era a de se constituir em uma liderança intelectual e ideológica para o país, da qual decorresse uma posição de liderança política efetiva. Desse modo, Guerreiro Ramos ingressou na política partidária em 1960⁵, quando se filiou ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), a cujo diretório nacional pertenceu. Nas eleições de 1962 candidatou-se a deputado federal pelo então estado da Guanabara, na legenda da Aliança Socialista Trabalhista, formada pelo PTB e o Partido Socialista Brasileiro (PSB), obtendo a segunda suplência. Em 1963 publicou *Mito e verdade da revolução brasileira*, onde transcreveu seu manifesto ao PTB da Guanabara instando a que o partido renunciasse "à ideologia marxista-leninista". Ocupou uma cadeira na Câmara dos Deputados de agosto daquele ano a abril de 1964, quando teve seus direitos cassados pelo Ato Institucional nº. 1 (9/4/1964), em seguida partiu para os EUA, onde foi acolhido na Universidade do Sul da Califórnia, que possui uma longa tradição de intercâmbio e cooperação com a Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP), da Fundação Getúlio

CFH, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v. 16, n. 23, p. 71-102, 1998.

⁴ Schwartzman assinala que a obra principal de Weber, *Economia e Sociedade*, foi traduzida para o espanhol por José Medina Echevarria, espanhol refugiado no México e membro do grupo que formou o Colégio de México, muito antes que houvessem traduções equivalentes para o inglês ou francês. Em 1946 Ramos, trabalhando no DASP, já havia lido e escrito sobre esta obra clássica, quando na França e nos EUA ela ainda levaria muitos anos para ser lida e entendida mais profundamente. SCHWARTZMAN, Simon. "Contribuição de Guerreiro Ramos para a Sociologia Brasileira", In.: *Revista de Administração Pública* (Rio de Janeiro) 17, 2, abril-junho, 1983, p. 30-34.

⁵ ABREU, Alzira Alves de .. [et al.]. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: FGV; CPDOC, 2001, p. 4883.

4

Vargas (FGV)⁶.

A orientação seguida por Guerreiro Ramos a partir do estudo que daria origem à publicação de *A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações*, em 1981, é muito mais abrangente do que o paradigma vigente até então. Tal orientação foi alcançada, também, em virtude do amplo esforço teórico empreendido por um conjunto de pesquisadores durante décadas, conforme se pode depreender das obras de Thomas Kuhn (1962), que deu início ao debate acadêmico sobre as revoluções científicas, e de Edgar Morin (1991), que há pelo menos quarenta anos vem tratando do tema.

Tal revolução paradigmática é bem recebida por aqueles que consideram o pensamento cartesiano, bem como a teoria da evolução de Newton, um paradigma redutor, que procede à fragmentação e à substancialização das coisas. Esse procedimento, no plano epistemológico e ontológico, induz à separação entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido. Tudo se passa como se o sujeito cognitivo fosse independente de sua própria ação cognitiva. A lógica formal inerente a esse paradigma moderno - com influências de Newton e Descartes -, já em meados do século XIX, mostrou-se incapaz de dar conta dos fenômenos complexos que se apresentaram aos cientistas. Assim, a revolução que emergiu naquele período no âmbito dos modelos teóricos explicativos, assentada no conceito de auto-organização, foi ocupando espaços - no universo das ciências - outrora reservados ao paradigma cartesiano. Posteriormente, na metade do século XX, com a Teoria dos Sistemas de Bertalanffy, ficou mais explícita a transição de um paradigma com referência externa para um outro, auto-organizativo. Tal enfoque pautou as discussões das conferências Macy em Nova York, onde um grupo de cientistas, oriundos de diferentes campos do conhecimento, reuniu-se com a finalidade de refletir acerca da unificação da ciência da mente. Nascia, dessa maneira, a cibernética, cujos estudos foram fundamentais para o sucesso de um novo paradigma, centrado no processo, e não mais na substância. Mais tarde, já na segunda metade do século XX, os estudos de Ilyia Prigogine fazem uma releitura da II Lei da Termodinâmica, que havia sido elaborada ainda no século XIX e segundo a qual tudo o que existe no universo tenderia para a entropia (morte térmica). Prigogine sugere que nos sistemas longe do equilíbrio - os seres vivos, a sociedade e a linguagem -, essa tendência seria revertida pelo

⁶ Em 1955, Guerreiro Ramos foi conferencista visitante da Universidade de Paris; membro da delegação do Brasil junto à ONU; pronunciou conferências em Pequim, Belgrado e na Academia de

5

princípio da auto-organização ou da interação, que se transformaria em neguentropia. Assim, na interpretação desses fenômenos sistêmicos e auto-organizativos, abandona-se a lógica linear, de causa/efeito, para adotar-se uma lógica circular, com retroações.

Heinz von Foerster, um dos mais brilhantes participantes das conferências Macy, fundou a biocibernética para estudar os fenômenos biológicos a partir de uma nova matriz cibernética. O processo de vida é por ele concebido como um sistema fechado para a informação e aberto para a energia, no qual se destaca o papel da interação e, naturalmente, o da auto-organização. Na esteira desses estudos, Maturana e Varela constroem uma teoria cibernética - da qual faz parte o conceito de *autopoiese* -, que concebe o funcionamento do sistema vivo como um circuito fechado de autoprodução, no qual o produtor e o produto configuram-se circularmente. Nesse processo, conhecer e ser são processos inseparáveis. Tal circularidade está inscrita na expressão de Maturana e Varela: "Todo o fazer é conhecer e todo o conhecer é fazer"⁷. Com base nessa visão sistêmica da biocibernética, os pesquisadores, ao observarem o comportamento humano, apontam para uma inseparabilidade entre ser/fazer/conhecer/falar. Isso quer dizer que o observador pensa sobre o seu pensar, sobre seu processo cognitivo, numa atitude metacognitiva que é potencializadora do ser/conhecer, na medida em que vai capacitando, gradativamente, esse sujeito numa dimensão cada vez mais complexa. Desse modo, tais "metodologias de primeira pessoa" primam pela incorporação de experiências pessoais à ciência, de uma forma profunda. Ao contemplarem as exigências científicas da coleta de dados, da interpretação, da validação e da busca de padrões, organizam a experiência em torno da qualidade, e não da quantidade.

Esse debate epistemológico contou com a contribuição de Edgar Morin⁸, de acordo com o qual, todos os discursos trazem consigo um paradigma que contém os conceitos fundamentais, ou as categorias mestras, da inteligibilidade do sujeito e, ao mesmo tempo, o tipo de relações lógicas de atração/repulsão (conjunção, disjunção, implicação ou outras) entre esses conceitos ou categorias. Assim, "os indivíduos conhecem, pensam e agem segundo os paradigmas inscritos culturalmente neles. Os sistemas de idéias são radicalmente organizados

Ciências da União Soviética (URSS); Na década de 1970 foi *visiting fellow* da Yale University e professor visitante da Wesleyan University.

⁷ MATURANA, H. ; VARELA, F. *El árbol del conocimiento*. Santiago: Hachette, 1991, p.13.

⁸ MORIN, Edgar. O método. v.IV. *As idéias: sua natureza, vida, habitat e organização*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1991.

6
em virtude dos paradigmas"⁹.

Partindo desse pressuposto, opta-se por destacar alguns tópicos temáticos que evidenciam, em seu conjunto, a presença de traços do paradigma da *autopoiese* na obra de Guerreiro Ramos intitulada *A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações*. Na obra em foco, o referido sociólogo critica, de forma contundente, as sociedades nascidas da Revolução Industrial, no século XVIII. Ele identifica no Iluminismo a instituição da razão instrumental que desequilibra a mente humana, ao proceder à valorização unilateral do que é útil exclusivamente ao indivíduo, e dos pressupostos mecanicistas que separam corpo e mente, concebendo o Universo como uma imensa máquina. A racionalidade instrumental, para ele, consolidou-se pendendo em favor do cálculo e do "utilitarismo", a partir dos séculos XVII e XVIII. Guerreiro Ramos identifica Hobbes, Bacon e Adam Smith como protagonistas da articulação da razão instrumental. Esta tem dominado a teoria da organização, levando-a, segundo o sociólogo, a um sucesso pragmático, porém - ao mesmo tempo - ingênuo, que tem exercido um impacto desfigurador sobre a vida humana na sociedade. Basicamente, Hobbes define a razão como uma capacidade adquirida por meio de esforço e como uma habilidade para fazer o cálculo utilitário de conseqüências, pretendendo, dessa maneira, despojar a razão de qualquer papel normativo no domínio da construção teórica e da vida humana associada.

A forma encontrada pela sociedade centrada no mercado para absorver a palavra "razão" foi torná-la compatível com a estrutura social normativa, utilitária, calculista. Até o século XVII, a razão era predominantemente normativa, mas, em seguida, passou a ser, gradualmente, substituída pela normatividade da história e da estrutura socioeconômica. A razão dos indivíduos foi reduzida ao controle dos instintos, à dedução (como desequilíbrio contra a indução) e aos interesses estimulados pela sociedade mercadocêntrica.

Guerreiro Ramos analisa, ainda, os diferentes postulados levantados por Max Weber, por Karl Manheim, pela Escola de Frankfurt e por Eric Voegelin. O sociólogo parece concordar com Max Weber e Karl Manheim na definição possível da racionalidade substantiva. Esta, no entendimento de Manheim, é um ato de pensamento que revela "percepções inteligentes das inter-relações de acontecimentos"¹⁰ numa determinada situação.

⁹ Idem, *ibidem*, p.188.

¹⁰ MANNHEIM, Karl. *Man and society in na age of reconstruction*. New York: Harcourt Brace & World, Inc.,1940, p.58.

7

Guerreiro Ramos assinala que tal racionalidade constitui a base da vida humana ética, responsável. A razão substantiva, assim, não depende de suas expectativas de sucesso. O sociólogo conclui endossando muitas observações feitas por esses autores; ao mesmo tempo, todavia, demonstra insatisfação diante da falta de sistematização das alternativas por eles levantadas. Lança, com isso, um desafio a si mesmo: o de preparar o caminho para uma "nova ciência das organizações". Desse modo, ele pretende ir além da desmontagem crítica e histórica da razão instrumental, a fim de construir um modelo de cenários sociais com base na razão substantiva.

Marx, segundo Guerreiro Ramos, foi influenciado pelo Iluminismo, ao atribuir à história uma racionalidade que somente é passível de realização por seres individuais. Entretanto, o sociólogo toma como referência obras de orientação marxista, particularmente a de Habermas. A certa altura, afirma que, "na perspectiva do Iluminismo, o mundo é descrito em fórmulas matemáticas, e o desconhecido perde seu transcendente significado clássico (no sentido dos gregos da Antigüidade), tornando-se alguma coisa relativa às capacidades de cálculos disponíveis"¹¹. Em seguida, Guerreiro Ramos faz uma síntese de sua posição diante da teoria de Marx¹²:

Apesar das proclamações 'dialéticas' de Karl Marx, que pretendeu ter despojado o racionalismo do século XVIII de seus traços mecanicistas, seu conceito de razão está profundamente enraizado na tradição do Iluminismo, na medida em que ele acreditava que o processo histórico das forças de produção é racional em si mesmo e, portanto, emancipatório. Isso é uma ilusão, afirma a Escola de Frankfurt, e Habermas, em especial, ocupa-se sistematicamente com esta questão.

Guerreiro Ramos não possui qualquer ilusão acerca da possibilidade de uma sociedade ideal, sem conflitos, e, por isso, dedicou-se à elaboração de sistemas sociais, sendo a economia apenas um deles. A obra do sociólogo aqui examinada encontra em E. F. Shumacher um referencial para o exame da economia. Guerreiro Ramos critica a supervalorização da dimensão econômica e a expansão totalitária dos valores de mercado. Ao mesmo tempo, defende a economia dual, cooperativista e o valor de uso - o que implica a descentralização e a delimitação do espaço-tempo da vida econômica. A questão central parece ser a preocupação com a regulamentação da economia por intermédio de uma política ecológica (a ecologia política como novo paradigma).

¹¹ RAMOS, Alberto Guerreiro. *A nova ciência das organizações*: uma nova reconceituação da riqueza nas nações. Rio de Janeiro: FGV, p.09.

¹² Idem.

A economia de base industrial (seja capitalista ou socialista) pressupõe a infinitude dos recursos naturais, o que, conforme Guerreiro Ramos, é um erro central e trágico. Assim, economia dos países industrialmente mais desenvolvidos não poderá continuar servindo de modelo para os outros países, simplesmente porque não haverá recursos naturais em quantidade suficiente. A escassez ecológica é, portanto, uma raiz oculta da inflação. "Oculta" porque não é percebida no interior do paradigma mecanicista. Tendo em vista tais aspectos, o autor assume uma posição favorável à economia dual, isto é, "à coexistência de sistemas de orientação mutuária - nos quais os respectivos membros produzem para si mesmos uma grande parte dos bens e serviços que diretamente consomem - e de sistemas orientados para o lucro, os membros são, essencialmente, detentores de empregos"¹³. Soma-se a esse aspecto um outro: "Os sistemas de orientação mutuária e o setor de troca não são reciprocamente excludentes. Devem ambos ser sistematicamente estimulados, por meio de uma eficiente utilização de transferência (de recursos) num só sentido ou em duplo sentido, para benefício da sociedade em geral"¹⁴.

O sociólogo toma como referência a teoria geral dos sistemas de Bertalanffy ao contestar fortemente os fundamentos da ciência contemporânea, propondo e construindo um novo paradigma, chamado por ele de para-econômico (A esse paradigma Capra dá o nome de sistêmico, no mesmo ano em que publica a obra *Ponto de mutação*). A ciência é compreendida na obra de Guerreiro Ramos aqui examinada como uma atividade que exige, sobretudo, equilíbrio entre razão e intuição. Nesses termos, o sociólogo constrói a crítica à teoria organizacional dominante. Em sua opinião, essa teoria deixa, sistematicamente, de distinguir entre razão substantiva e razão instrumental (não percebendo diferenças entre organização formal e substantiva); não compreende o papel da interação simbólica nas relações interpessoais em geral e apóia-se numa visão mecanomórfica da atividade produtiva do ser humano. Guerreiro Ramos conclui afirmando que toda a ciência que se baseia exclusivamente nesse tipo de visão não passa de um credo. A concepção sistêmica inclui - e até certo ponto dilui - a concepção mecanicista. Trata-se, assim, de uma recontextualização, e não de uma substituição. O mesmo é válido para a relação estabelecida entre razão substantiva e razão instrumental, como se percebe na proposta de ciência feita por Guerreiro Ramos.

Partindo da crítica à teoria da organização, o sociólogo dá início à composição de uma

¹³ Idem, ibidem, p. 188.

9

teoria da delimitação dos sistemas sociais - também chamada por ele de modelo multidimensional, em contraposição ao unidimensionalismo da teoria dominante. O ponto central do modelo multidimensional de Guerreiro Ramos é a noção de delimitação organizacional, que envolve: a) a visão de uma sociedade constituída de uma variedade de enclaves (dos quais o mercado é apenas um), e na qual o ser humano empenha-se em tipos nitidamente diferentes, embora verdadeiramente integrativos, de atividades substantivas; b) um sistema de governo social capaz de formular e implementar as políticas e decisões distributivas requeridas para a promoção do tipo ótimo de transações entre tais enclaves sociais¹⁵.

Guerreiro Ramos não faz especulações sobre um futuro desejável, mas relaciona seus conceitos delimitativos com experiências concretas de grupos ainda marginalizados nas sociedades centradas no mercado. Há, particularmente na área da saúde, uma série de experiências que combinam fenonomia, economia, isonomia, por exemplo. A rede desses conceitos formulados por Guerreiro Ramos (isonomia, fenonomia, economia, etc.) é o início, como ele próprio salienta, de uma nova ciência das organizações. Para que essa ciência se desenvolva, ela não pode dispensar posicionamentos políticos e valorativos (recontextualizações integrativas), embora a relação dialógica entre ciência e política não tenha sido solucionada por meio dos conceitos antes referidos, Isso pressuporia uma revolução paradigmática que ainda está em estado de potência. Quando o cientista leva em conta a sua experiência no processo de investigação, a ciência redimensiona e cria conceitos incessantemente, aproximando-se, sobretudo, de forma existencial, pessoal e parcial da realidade, considerada dinâmica e multifacetada. Justamente por essa dinamicidade e interdependência essencial de todos os fenômenos - físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais - é que a neutralidade axiológica deixou de ser um horizonte científico.

A ênfase de Guerreiro Ramos sobre a necessidade de normatividade social está calcada numa crítica à síndrome comportamentalista, isto é, à redução da ação humana à incidência dos condicionantes externos. A normatividade concebida pelo autor não é imposta aos indivíduos por critérios instrumentais de convivência social; é, antes, uma possibilidade de convivência entre indivíduos autônomos, com referenciais que transcendem os interesses de caráter simplesmente utilitário. Desse modo, depreende-se que o paradigma social

¹⁴ Idem.

10

emergente é meta-histórico e ecossocial (cosmológico). Conclui-se, portanto, que isso implica uma profunda reformulação dos valores que contextualizam a ciência, além de uma compreensão muito clara de que as sociedades humanas não só não estão acima da natureza - tal como imaginavam os primeiros industrialistas - como também têm muito a aprender com as fórmulas por meio das quais a natureza exhibe sua dinamicidade, inteligência e capacidade de perdurar.

O maior problema detectado por Guerreiro Ramos é o fato de a sociedade não se reconhece como "miniatura de um cosmos maior, mas como um contrato amplo entre seres humanos. Assim, a conduta humana se conforma a critérios utilitários que, a seu turno, estimulam a fluidez da individualidade. Na verdade, o ser humano moderno é uma fluida criatura calculista, que se comporta, essencialmente, de acordo com regras objetivas de conveniência"¹⁶. O sociólogo imagina uma sociedade capaz de permanecer, de durar, em vista de sua parcimônia na utilização dos recursos naturais não-renováveis e de sua capacidade de harmonizar e delimitar organizações pequenas, não-expansionistas. Guerreiro Ramos expressa, assim, a consciência de que sua obra é profundamente política e, ao mesmo tempo, científica, ainda que essa relação não seja facilmente compreensível sob a ótica da razão instrumental e do mecanicismo. A normatividade, nesses termos, é sobretudo a recuperação da autonomia diante do mercado expansionista e a disposição para orientar-se socialmente no sentido da convivência catártica, evolutiva¹⁷. O conflito é um gerador de *stress*, e tem solução não só por meio da disposição política, mas, principalmente, por intermédio da adequação de técnicas ecológicas de terapia, de meditação, etc.

No livro de Guerreiro Ramos, percebe-se que os cenários sociais capazes de perdurar e contribuir com o desenvolvimento comunitário e individual dos cidadãos têm - necessariamente - tamanhos, tecnologias, espaço e tempo particulares. Verifica-se, assim, no pensamento do sociólogo, a não-separação entre espaço/tempo, na medida em que ele identifica diversas faces do tempo, tais como o tempo serial, o tempo convival, o tempo de salto e o tempo errante. Guerreiro Ramos assinala que Soren Kierkegaard e Henri Bergson

¹⁵ Idem, *ibidem*, p.140.

¹⁶ Idem, *ibidem*, p.54.

¹⁷ Em obras escritas bem antes de *A nova ciência das organizações* este aspecto é enfatizado, conforme mostra a análise realizada por OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A sociologia do Guerreiro*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995.

11

descreveram, cada qual ao seu modo, um tipo de experiência humana um tanto criativa, que só ocorre quando o indivíduo consegue romper os limites do social. Tal experiência envolve um salto do fechado para o aberto, das normas sufocantes, que caracterizam uma era peculiar, para dentro da eternidade, o que equivale a dizer que é uma espécie de autodescoberta individual. Assim, em razão do caráter transsocial dos saltos existenciais, seu conteúdo só pode ser articulado por intermédio da experiência simbólica.

O sociólogo reconhece que os modelos sociais dos seres humanos são, em geral, categorias de conveniência. Adverte, no entanto, que a conveniência não é a única preocupação do conhecimento organizacional; este deve ter a sensibilidade para aquilo que, no ser humano, não pode ser reduzido a termos sociais, de modo a impedir a fluidez da psique e sua deformação como simples espécime da episódica vida empresarial, afirma ele. Desse modo, o conhecimento organizacional deve ser capaz de ajudar o indivíduo a manter um sadio equilíbrio entre as exigências de sua condição corporativa e sua vida interior.

Constata-se, por fim, que, para Guerreiro Ramos, a mudança social parte de um contato com o cósmico ou com o "eu mais íntimo", considerados, de certa forma, o contexto do social emergente. Essa emergência, entretanto, requer qualificações, como a interação simbólica e afetiva, que uma multidão ou um grande aglomerado de pessoas torna inviável. Por isso, o sociólogo defende que a socialização é necessária, mas vem acompanhada de inúmeros perigos, e percebe uma tensão constante entre três dimensões - a social, a cósmica e a subjetiva. Além disso, detém-se na formulação de sistemas sociais compostos por pequenos grupos.

Ao concluir, cabe salientar que, para Guerreiro Ramos, a reflexão é indissociável da experiência. Por isso, ao refletir sobre sua experiência, o ser humano está em ação e, portanto, transformando-se com essa experiência/nessa experiência. Somente uma metodologia capaz de dar conta da realidade em trânsito, que incorpora a experiência pessoal numa perspectiva disciplinar, poderá responder a este intrincado problema: a relação entre conhecimento científico e experiência pessoal. Da mesma maneira, o sociólogo assinala que, para se manter uma certa coerência teórica entre os vários modelos conceituais apresentados com base no novo paradigma, a *autopoiese*, faz-se necessário perceber que não existe uma validação externa; as coerências do operar do próprio ser humano, na ação prática, é que irão propiciar a

12

autovalidação da experiência como conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Alzira Alves de .. [et al.]. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: FGV; CPDOC, 2001.
- BOEIRA, S. L. "Crise civilizatória e ambientalismo transetorial". *Revista de Ciências Humanas*, CFH, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v. 16, n. 23, p. 71-102, 1998.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergentes*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- KUHN, Thomas. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1962.
- MANNHEIM, Karl. *Man and society in na age of reconstruction*. New York: Harcourt Brace & World, Inc., 1940.
- MATURANA, H. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- MATURANA, H. ; VARELA, F. *El árbol del conocimiento*. Santiago: Hachette, 1991.
- MORIN, Edgar. O método. v.IV. *As idéias: sua natureza, vida, habitat e organização*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1991.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A sociologia do Guerreiro*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995.
- RAMOS, Alberto Guerreiro. *A nova ciência das organizações: uma nova reconceituação da riqueza nas nações*. Rio de Janeiro: FGV, 1981.
- SCHWARTZMAN, Simon. "Contribuição de Guerreiro Ramos para a Sociologia Brasileira", In.: *Revista de Administração Pública* (Rio de Janeiro) 17, 2, abril-junho, 1983, p. 30-34.
- SCHUMACHER, E.F. *O negócio é ser pequeno*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.